

# A segregação presente na cidade de Campos dos Goytacazes: As margens opostas do Rio Paraíba do Sul<sup>1</sup>

Flávia Ribeiro de Alvarenga<sup>2</sup>

Antenora Maria da Mata Siqueira<sup>3</sup>

Grupo de Trabalho: GT 4. A produção da cidade, Agentes e Ações da Periferia.

## Resumo

O tema da segregação é algo recorrente nos estudos sobre o espaço urbano, principalmente nos que se referem ao espaço metropolitano, havendo a necessidade de ampliar as análises para as cidades de menor porte. Neste artigo é trazida a análise do desenvolvimento socio-histórico da cidade com base em pesquisa bibliográfica e documental. Tratou-se das concepções de cidade e segregação urbana, além de revisão da literatura sobre a cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, com o intuito de compreender a reprodução de diferenciações no tecido urbano. A relação dos rios com as cidades também é discutida nesse trabalho, tendo em vista a compreensão do papel dos cursos d'água na formação do espaço urbano, social e economicamente e também como formador do traçado urbano.

Palavras-chave: Cidades, Segregação, Guarus, Rio Paraíba do Sul.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa de mestrado intitulado "O Rio Paraíba do Sul na formação de Campos dos Goytacazes - RJ: Fronteira de segregação socioespacial?" do programa de Pós Graduação em Desenvolvimento, Ambiente e Políticas Públicas na Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas na Universidade Federal Fluminense, pertencente ao Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais (NESA). E-mail: falvarenga@id.uff.br

<sup>3</sup> Professora da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioambientais (NESA).E-mail: antenoras@id.uff.br

## **Introdução**

Este artigo apresenta breve análise da formação urbana da cidade de Campos dos Goytacazes, relacionando a possível segregação existente nos bairros do primeiro distrito, localizados nas margens opostas do rio Paraíba do Sul. Dessa forma, analisou-se o desenvolvimento socio-histórico da cidade com base em pesquisa bibliográfica e documental.

É necessário salientar que o presente artigo é fruto da pesquisa de mestrado que se encontra em andamento e estuda a segregação socioespacial em Guarus. Sendo assim, as considerações apresentadas no texto fazem parte da pesquisa teórica desenvolvida até o momento, que embasará a pesquisa de campo que será realizada.

As análises sobre a cidade e sua formação constituem um tema multidisciplinar que foi desenvolvido por diversas correntes de pensamento, como a Escola de Chicago, a Sociológica Francesa e por vários autores de origem marxista. A partir delas, obtém-se um esclarecimento sobre as concepções de o que é cidade, suas definições e conceitos, a influência do capital no espaço urbano, que aumenta de maneira exorbitante a cada ciclo histórico.

Dentre os vários atores que participam da produção do espaço urbano e nas suas características estão o setor imobiliário, o Estado e a parcela da população que detém maior poder político e econômico, com influência sobre os dois anteriores. O primeiro torna-se um elemento importante na diferenciação social que ocorre nas cidades por atuar como produtor da moradia. O segundo, mesmo não tendo como ideal o benefício de uns em detrimento de outros, é também um produtor da diferenciação, pois é o responsável pela legislação urbana que interfere diretamente no uso e ocupação do solo e na conseqüente valorização ou não das áreas no espaço urbano, o que acaba por destinar os locais que serão habitados por determinadas classes sociais (VILLAÇA, 2001).

Dessa forma, as diferenciações urbanas e sociais se reafirmam na cidade capitalista através de disponibilização desigual dos serviços públicos, que deveriam atender a população de maneira igualitária. Leva-se em consideração que o estado não atua de forma neutra, mas sim a beneficiar a parcela da população detentora de maiores recursos e os seus interesses, seja com as localizações onde são

direcionados os investimentos ou com a classificação de valores do solo que orientam as moradias das diferentes classes e a localização dos diferentes serviços – inclusive os serviços privados, já que estes buscam a localização das classes que são detentoras de maior poder (LOBATO CORREA, 2002).

Na cidade de Campos dos Goytacazes o espaço urbano é marcado pela herança do passado, onde a presença da antiga elite canavieira ainda permanece nas áreas centrais, mas voltados para os setores imobiliários. Com a decadência do setor sucroalcooleiro, que já foi o grande produtor de riquezas para a cidade, as terras que abrigavam as grandes usinas ficaram sem o uso a que foram destinadas e com isso muitos dos proprietários transformaram as fazendas em áreas voltadas para a exploração imobiliária (ALIPRANDI, 2016).

No que se refere ao processo de segregação, o mesmo se dá pela tendência ao afastamento das diferentes classes sociais no espaço urbano, tendo em vista a renda dos indivíduos, características culturais de cada grupo e o poder político das classes, que influencia diretamente nas vantagens que serão geradas em determinadas áreas em detrimento de outras (CASTELLS, 1983, VILLAÇA, 2001, LOBATO CORREA, 2002 e 2013). Maricato (2000) afirma que a segregação se perpetua a partir de instrumentos que tem em vista a permanência da sociedade capitalista, são eles a manipulação, a apropriação e o poder. Trata-se, dessa forma, de uma luta de classes.

A segregação presente no tecido urbano campista pode ser percebida através da localização do maior número de residências das distintas classes sociais: as de menor renda concentram-se nas áreas ao norte da cidade – Guarus – e as de maior poder aquisitivo estão em maior concentração nas áreas mais valorizadas ao sul do município. Tal ilustração pode ser lida a partir de Harvey (2013), que afirma que a segregação refere-se a localização desigual das diferentes classes sociais no espaço urbano, destacando que a mesma "não impede a presença nem o crescimento de outras classes no mesmo espaço" (VILLAÇA, 2001. p.142).

A distinção que é feita entre os residentes das duas regiões torna-se perceptível através da observação do modo de falar dos moradores no cotidiano, onde os habitantes da margem direita referem-se a Guarus como o "*lado de lá*", uma forma de desqualificar a área que acaba incidindo sobre as pessoas que lá residem. O distanciamento existente entre os moradores é expresso através dos comentários

que são feitos para os residentes do subdistrito de Guarus quando estes se encontram do "*outro lado*" (ASSIS, 2016).

A partir da perspectiva da formulação da cidade, é possível analisar o processo de urbanização relacionado ao Rio Paraíba do Sul, que teve papel fundamental na formação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes. A cidade, assim como muitas outras, teve sua urbanização iniciada às margens do rio, usufruindo de todos os benefícios que o mesmo gerava para a implantação da cidade – como a fertilidade das terras que eram propícias ao plantio da cana e a facilidade de comercializar utilizando o rio como meio de escoar a produção–, e com o tempo deixou de dar a devida atenção, fazendo com que o rio passasse a ser visto mais como um entrave na circulação do que como elemento fundamental na estrutura do município (CARNEIRO, 2015; FARIA, 2003).

O objetivo do presente trabalho é reunir conceituações teóricas sobre os temas mencionados – cidade, segregação e formação sócio-histórica da cidade de Campos dos Goytacazes –, de autores clássicos (Lefebvre, Castells, Lamego) e contemporâneos (Faria, Villaça, Lobato Correa, Assis).

A metodologia utilizada para a elaboração do mesmo foi pesquisa bibliográfica e documental, além do auxílio dos mapas cartográficos da cidade de Campos, enfatizando o processo histórico da região.

### **Diferentes concepções de cidade em debate**

Diversas são as definições dadas à cidade e ao conceito da mesma, tornando-a um objeto complexo para estudo. A primeira definição do que é a cidade foi concebida por Karl Marx e Friedrich Engels, que a consideraram como local de produção e reprodução do capital, sendo um produto da sociedade capitalista. Os dois autores adotam o ponto de vista dos interesses do proletariado, relacionando a cidade com o desenvolvimento da divisão do trabalho que a transforma na cidade capitalista. Dentre as demais definições, pode-se citar a de Max Weber (1967), que possui uma visão mais formal, que enfatiza a importância do mercado para o desenvolvimento da cidade, caracterizando-a por constituir-se das relações de comércio e por possuir autonomia política.

A cidade também é analisada pelos autores da Escola de Chicago, que se preocupavam em estudá-la sob o conceito da ecologia humana que é, para Park

(1916, p. 25), "a ciência que procura isolar [...] as forças [que atuam nos] limites das comunidades urbanas [...] e descrever o conjunto de pessoas e instituições produzidas pela operação concomitante de tais forças". Para este autor a cidade costuma ser avaliada considerando dois pontos de vista: o ecológico – que pode ser entendido como fatores que possibilitam maior concentração da população e sua mobilidade, como estradas, infraestrutura urbana e meios de comunicação – e o geográfico – localização do agrupamento populacional. No entanto, ela deve ser vista também como uma unidade econômica, que tem por base a divisão do trabalho. O autor considera que a cidade não é composta pelos seus instrumentos ou objetos, mas pelo uso que lhe é dado, os costumes que se constituem a partir do momento que o homem utiliza o que está disposto.

Teóricos afiliados ao pensamento marxista e críticos às ideias defendidas pela Escola de Chicago de que existiria um urbanismo "natural" que explicaria diversos fenômenos sociais, como Castells e Lefebvre, trouxeram novas reflexões sobre a cidade. Tais autores afirmavam que o espaço urbano não era algo dado pela natureza – por ter sido remodelado e possuir as características e elementos necessários para a vida em sociedade –, mas sim produzido pelo homem através do trabalho e, com isso, o mesmo deveria ser compreendido como socialmente produzido e com influências de aspectos políticos e socioeconômicos do ambiente no qual está inserido. Esse conteúdo no pensamento em relação ao espaço urbano é considerado por Villaça (2011) o maior avanço no campo da ciência e da geografia que ocorreu nos últimos anos.

As definições de cidade são muitas, podendo ser destacada a concepção de Lefebvre (2001, p. 62), que a define como "a projeção da sociedade sobre um local", não apenas sobre o elemento físico de cada lugar, mas também de maneira mais sensível e abstrata, sobre o plano percebido e concebido pelo pensamento, que leva em consideração a visão e sentimento de quem utiliza o espaço. Além disso, o autor (2001) afirma também que a cidade se assemelharia mais a uma obra de arte do que simplesmente a um produto material e que a

produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. (LEFEBVRE, 2001. Pág. 52)

O mesmo autor (2001) declara que se faz necessário considerar a cidade como uma obra que resulta da ação de diversos agentes históricos e sociais, de forma que o produto final não pode ser definido sem referenciá-los:

Se considerarmos a cidade como obra de certos "agentes" históricos e sociais, isto leva a distinguir a ação e o resultado, o grupo (ou os grupos) e seu 'produto'. Sem com isso separá-los. Não há obra sem uma sucessão regulamentada de atos e de ações, de decisões e de condutas, sem mensagens e sem códigos. Tampouco há obra sem coisas, sem uma matéria a ser modelada, sem uma realidade prático-sensível, sem um lugar, uma "natureza", um campo e um meio (LEFÉBVRE, 2001. pág.54).

Harvey (1980, p.174) considera que para compreender o espaço é imprescindível que seja observado como se dá o processo social e que o mesmo ocorre no caso inverso, evidenciando que há uma interação contínua entre processo social e forma espacial. Ao definir o conceito de cidade, ele a declara como "o lugar das tradições acumuladas" sendo, por isso, o "berço provável do novo modo de produção". O autor afirma ainda que a cidade teria sido ao longo do tempo como "o pivô em torno do qual um dado modo de produção se organiza".

A questão urbana passa a ser pensada no Brasil em épocas semelhantes, na década de 1960, quando a urbanização é ampliada e ocorre uma grande migração do campo para as cidades, ampliando o número de cidades com mais de um milhão de habitantes em períodos curtos de tempo – da década de 1940 a 1980 a população das áreas urbanas cresce de 26,35% para 68,86%, tornando-se um país predominantemente urbano em relativamente pouco tempo (SANTOS 1988; MARICATO, 1996; LIBERATO, 2007).

Maricato (1996) aponta que o processo de urbanização no Brasil ocorreu de forma desigual devido à maneira que foi feita, com os ideais utilizados nos países desenvolvidos, não condizentes com a realidade vivida no país, que foram aplicados em uma parte da cidade, com benefícios restritos a apenas uma parcela da sociedade. Com essa seleção de áreas a serem beneficiadas e a não observância das reais necessidades do local a ser implantado o plano urbanístico, a desigualdade no país se ampliou, contribuindo para que o Brasil se tornasse

uma das sociedades mais desiguais do mundo, e que teve no planejamento urbano modernista/funcionalista, importante instrumento de dominação ideológica: ele contribuiu para ocultar a

cidade real e para a formação de um mercado imobiliário restrito e especulativo (MARICATO, 1996, p. 124)

Através das abordagens sobre a cidade e o modo desigual que foi constituída em muitos casos, há que se tratar da segregação que a desigualdade acarreta e que se faz presente em diversas cidades ao redor do mundo e é, por esse motivo, muito discutido e analisado por muitos estudiosos.

### **A segregação nas cidades**

A segregação aparece na história da sociedade desde os primórdios, através de cidades que possuíam divisões sociais, políticas e econômicas bem marcadas, como é o caso das cidades gregas e romanas. O primeiro autor a tratar o conceito e formular um modelo que tentava demonstrar os padrões espaciais seguidos pela separação que existia na cidade foi o geógrafo alemão Johann Georg Kohl no ano de 1841, onde a cidade era dividida em círculos concêntricos, com as classes mais abastadas residindo na parte central e os mais pobres nas periferias distantes. Décadas mais tarde, em 1920, já tratando das cidades norte americanas e não mais as europeias como Kohl, Ernest Watson Burgess formula seu modelo partindo também dos círculos concêntricos mas com organização oposta, onde as elites residiriam nas periferias e os mais pobres migrariam para o centro a fim de obter proximidade com o trabalho (NEGRI, 2008; VILLAÇA, 2001).

O termo segregação generalizou-se com os pensadores da Escola de Chicago nas décadas de 1930/40, em meio a um vasto conjunto de pesquisas para investigar os fenômenos sociais que ocorriam no meio urbano da cidade de Chicago. Em suas pesquisas, buscavam compreender como se dava a escolha de localizações no espaço urbano pelos indivíduos com diferentes características, como etnia ou faixa de renda. Tal escola caracterizava a segregação como algo natural, inerente a todas as cidades, que estaria relacionado ao fato dos indivíduos escolherem as melhores áreas para habitar, buscando proximidade com as pessoas que possuem características semelhantes as suas (VILLAÇA, 2001). O autor (2001) destaca que os autores referem-se a "pessoas" e "indivíduos" separadamente, apesar de ser um processo relacionado à luta de classes sociais e não a preferências individuais.

Nos anos de 1960/70 tem-se início a modificação do conceito de segregação, que passa a ser abordado por pensadores de forte influência marxista, principalmente os da Escola de Sociologia Urbana Francesa. Ao contrário da Escola de Chicago, a francesa promove a *desnaturalização* do conceito, que passa a ser utilizado como um instrumento para compreender os desiguais processos da urbanização capitalista. (VIEIRA E MELAZZO, 2003).

A partir dessa desnaturalização, a segregação passa a ser analisada como resultado das contradições criadas a partir das relações sociais e das lutas de classes que são refletidas na estruturação do espaço urbano, deixando de ser vista apenas como a escolha de localizações do indivíduo, tornando-se objeto fundamental no estudo do espaço urbano. As causas da segregação passam a ter importância, não sendo mais analisadas apenas as consequências que o fenômeno gerava (NEGRI, 2008; VIEIRA E MELAZZO, 2003).

Henri Lefebvre (2008), um dos primeiros autores de origem marxista a tratar o conceito de segregação socioespacial em seus estudos, coloca a organização da cidade como reflexo das relações sociais e, conseqüentemente, a partir delas a segregação se instalaria no espaço urbano. Ele leva em consideração as diferentes oportunidades das classes sociais e o conseqüente acesso diferenciado ao espaço, tido como mercadoria e sujeito a alterações de acordo com o poder político e econômico de cada classe.

O autor (ibidem, p.38) trata da importância da moradia para o ser humano, como ambos estão intrinsecamente ligados e como o habitar deve "ser considerado como fonte, como fundamento, como funcionalidade e transfuncionalidade essenciais" na vida do indivíduo. No entanto, relata que a cidade é formulada não de acordo com esses valores, mas de acordo com as imposições capitalistas que visam os rendimentos e obedecem a critérios de classes, tornando a cidade um lugar dominado pela desigualdade. Dessa maneira, as localizações das moradias são interpretadas como chances desiguais para os habitantes de cada área, levando em consideração os diferentes acessos à infraestrutura urbana, serviços e empregos, o que torna a cidade cada vez mais segregada e possibilita que a qualidade de vida e acesso a oportunidades seja diferente para cada parcela da população.

A definição dada por Castells (1983, p. 250) para segregação é que ela é a "*tendência* à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e com intensa disparidade social entre elas, sendo esta disparidade

compreendida não só em termos de diferença, como também de hierarquia". No entanto, essa tendência não pode ser considerada como única explicação para a definição das localizações no espaço urbano, uma vez que cada cidade possui um histórico diferente com determinantes distintas que a caracterizam e particularizam, como o status das áreas e a distribuição das atividades. Isso significa que existe "a interação entre as determinações econômica, política, ideológica na composição do espaço residencial; por outro lado, existe um reforço da segregação (...) segundo a articulação da luta de classe no local de residência". Assim,

[...] a distribuição das residências no espaço produz sua diferenciação social e há uma estratificação urbana correspondente a um sistema de estratificação social e, no caso em que a distribuição social tem uma forte expressão espacial, ocorre a segregação urbana (CASTELLS, 1983, p. 250).

A segregação não deve ser considerada apenas como a distinta localização das residências no espaço urbano, mas também pela facilidade de se ter acesso aos locais de trabalho, lazer, comércio, serviços e os pontos estratégicos da cidade. Logo, a capacidade de deslocamento é um fator primordial que atua inserindo ou excluindo os sujeitos do meio urbano e afetando diretamente nas possibilidades que cada grupo social terá acesso (Ibidem).

Dentre os estudiosos brasileiros que pesquisaram sobre o tema, pode-se destacar Villaça (2001), autor que possui grande influência das ideias propagadas por Castells. Ele também afirma que o espaço é controlado pelas camadas de alta renda de acordo com os mecanismos que foram citados por tal autor: o mercado imobiliário, de natureza econômica, que seria o responsável por definir os deslocamentos espaciais de forma a beneficiar as classes abastadas; de natureza política, o Estado, com a localização dos aparelhos estatais e legislação urbanística e por fim, a ideologia, definida como o caminho que as classes dominantes utilizam para legitimar as condições sociais de exploração e dominação fazendo parecer justas.

Ao analisar a segregação intra-urbana, ele afirma que há a tendência a homogeneização de bairros das camadas de alta renda que passam a se localizar mais perto dos seus "iguais" para usufruir de maiores vantagens. Esse padrão de deslocamentos ocorre seguindo a teoria da organização em setores elaborada por Hoyt (1959) onde as elites se uniriam em uma determinada área da cidade e

seguiriam o padrão de deslocamento para que sua facilitada acessibilidade ao centro, aos serviços e empregos se mantenha. Com isso e com a movimentação dos centros nessas direções, fica evidente que a segregação não é apenas de residências, mas também de serviços e comércio.

Por sua vez, Lobato Corrêa (2013) trata da segregação residencial tendo em vista a diferenciação existente entre as classes sociais no espaço urbano que surge como reflexo do capitalismo que permite acesso diferenciado a recursos que são constantemente encontrados com mais facilidade nas áreas onde há maior quantidade de habitantes de maior poder político e econômico. Levando-se em consideração que o que possibilita o aparecimento da segregação é a existência das classes sociais, o autor reitera a afirmação de Castells de que as classes sociais se concentrariam em áreas com tendência a homogeneidade interna e heterogeneidade entre elas – áreas sociais –, possibilitando dessa forma a reprodução e a existência de cada um dos grupos. Ou seja, "da localização diferenciada no espaço urbano destas classes sociais fragmentadas, emerge a segregação residencial da cidade capitalista" (CORRÊA, 2002, p. 62). Ele afirma:

A segregação residencial pode ser vista como um meio de reprodução social, e nesse sentido, o espaço social age como um elemento condicionador sobre a sociedade. Neste sentido, enquanto o lugar de trabalho, fábricas e escritórios, constitui-se no local de produção, as residências e os bairros, definidos como unidades territoriais e sociais, constituem-se no local de reprodução. [...] Assim, a segregação residencial significa não apenas um meio de privilégios para a classe dominante, mas também um meio de controle e de reprodução social para o futuro. (CORRÊA, 2002, p. 62)

Apesar de a segregação ter variados tipos de análise, onde cada autor coloca como base um determinado aspecto, é possível notar que existe um consenso entre eles no que diz respeito ao processo de segregação ser resultado das desigualdades que existem nas relações entre as diferentes classes sociais, o que resulta em um acesso diferenciado à cidade– seja pela localização no espaço urbano ou pela dificuldade de acesso a bens de consumo, serviços, oportunidades de emprego, entre outros.

## **A formação da cidade de Campos dos Goytacazes e da sua Guarulhos**

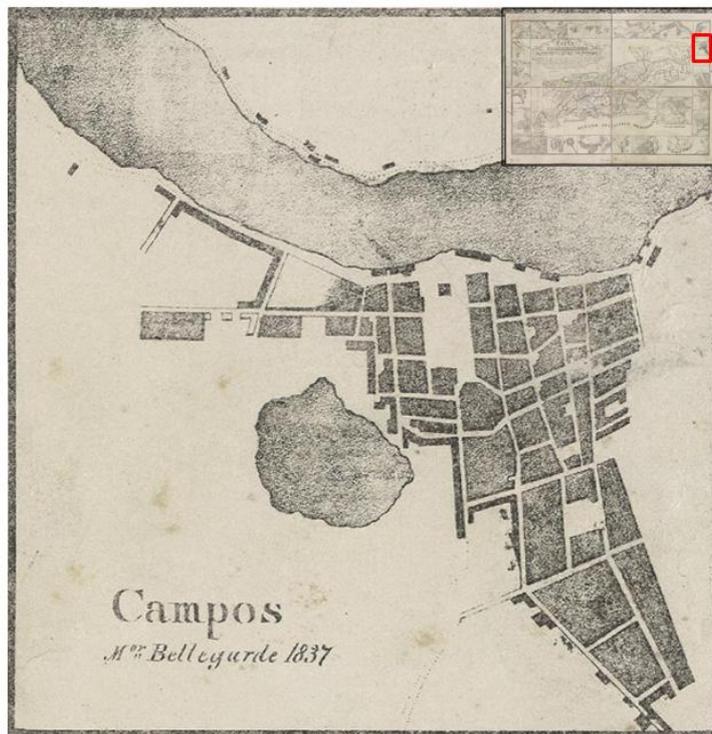
Os diálogos sobre o processo de urbanização da cidade e como se deu a colonização da região são baseados nos escritos de Lamego (1945), Feydit (2004), Faria (2003) e Assis (2016), que fazem um relato dos primórdios da região denominada capitania de São Tomé e das tentativas frustradas de colonização da mesma até o conseqüente domínio pela coroa portuguesa. Faria (2003) menciona em sua obra que o início da urbanização do Norte Fluminense foi ligado intrinsecamente ao processo de urbanização da cidade de Campos do Goytacazes.

Os primeiros centros urbanos criados na região em estudo foram Campos dos Goytacazes e São João da Barra (1676). Sem dúvida, a principal área de interesse de toda a Capitania foi o local onde hoje se localiza o Município de Campos, especialmente a sua sede, a antiga vila de São Salvador dos Campos, atual Cidade de Campos dos Goytacazes, sendo, inclusive, a primeira *vila* a ser criada nesta região. Sua criação foi marcada por lutas de representações e inúmeros conflitos de interesses políticos e econômicos concernentes às propriedades e ao controle da Câmara Municipal. [...] Os primórdios da urbanização da região Norte Fluminense estão ligados, historicamente, ao processo de urbanização de Campos dos Goytacazes (FARIA, 1998 apud FARIA, 2003, p. 5).

A vila de São Salvador de Campos foi instalada na margem direita do Rio Paraíba do Sul, nas terras mais altas e onde a se havia conseguido a dominação dos índios que residiam no local. Esses índios serviam como proteção para os colonizadores caso os índios Guarulhos resolvessem atacar, já que os mesmos não tinham sido dominados ainda (FARIA, 2003; LAMEGO, 1945). A expansão para as terras da margem esquerda do rio se deu com intensidade no final do século XIX e início do XX, pois as terras eram tidas como perigosas devido à má fama dada aos indígenas da região, que eram tidos como ferozes e, posteriormente, pela chegada dos escravos que fugiam para o local e se abrigavam nos quilombos.

A escolha da localização para a implantação do centro urbano teve como base o rio que cortava a região, almejando terras mais férteis e a utilização das águas do Rio Paraíba do Sul como forma de escoamento da produção. A locação do centro urbano no lado direito se deve também a maior estabilidade das terras. O mapa 1 mostra Campos dos Goytacazes recém elevada a categoria de cidade, em 1837, e nela é possível observar que o tecido urbano se expande apenas na margem sul.

Mapa 1: Planta cidade de Campos dos Goytacazes (1837)



Fonte: Trecho da carta *Corographica* da província do Rio de Janeiro, produzida pelo engenheiro major Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde no ano de 1837.

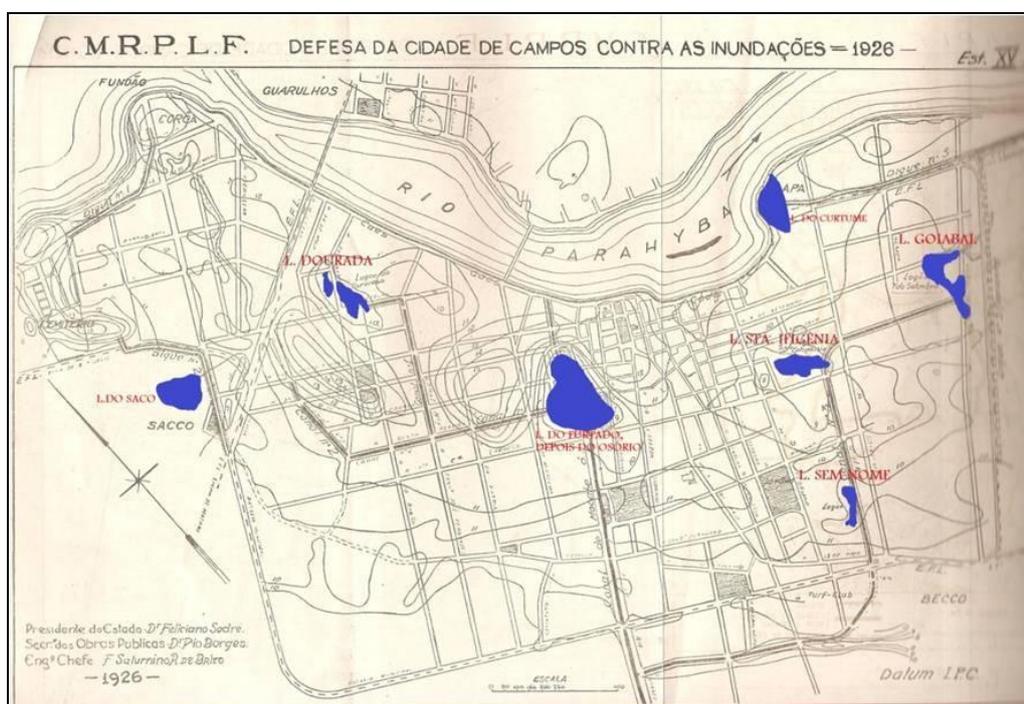
O núcleo urbano consolida-se primeiramente no entorno da catedral e da Praça São Salvador, que foram construídas de frente para o rio e a partir desse ponto o arruamento da cidade se forma, sendo limitado pelo traçado do rio e pelas lagoas existentes na região (ALLIPRANDI, 2016). É possível notar no mapa1 que as terras pertencentes à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul não possuem ainda um núcleo urbano, como ocorre na margem oposta. A urbanização segue no sentido oeste, valorizando essas áreas, que permanecem com alto valor até os dias atuais.

O rio, que possuía importância vital para a cidade para transporte de cargas, deixa de ter a grande utilização que possuía anteriormente com a implantação da ponte de ferro sobre o Rio Paraíba do Sul, tendo o transporte fluvial uma queda gradativa até ser totalmente esquecido (FARIA, 2003). Os transportes para vitória se tornam mais facilitados e a linha férrea presente na margem esquerda, existente desde 1877, é ainda mais utilizada.

Vale ressaltar que Guarus só passa a fazer parte do perímetro urbano da cidade de Campos dos Goytacazes após a implantação do referido plano urbanístico. A atual localidade de Guarus chamava-se Guarulhos devido aos índios que habitavam o local. As terras foram oficialmente denominadas Guarulhos quando

o distrito foi criado em 1892 e passou a se chamar Guarus através do Decreto-lei Estadual n.º 1.056, de 31-12-1943, pois o nome coincidia com o de uma cidade Paulistana. No mapa 2, produzida por Saturnino de Brito em 1926 para mostrar as lagoas que deveriam ser drenadas, é possível perceber que houve crescimento urbano para oeste e que surgiu em Guarus, que ainda se chamava Guarulhos, um pequeno núcleo urbano próximo à margem do rio.

**Mapa 2:** Mapa do núcleo urbano de Campos dos Goytacazes produzido por Saturnino de Brito em 1926



Fonte: Soffiati, 2019.

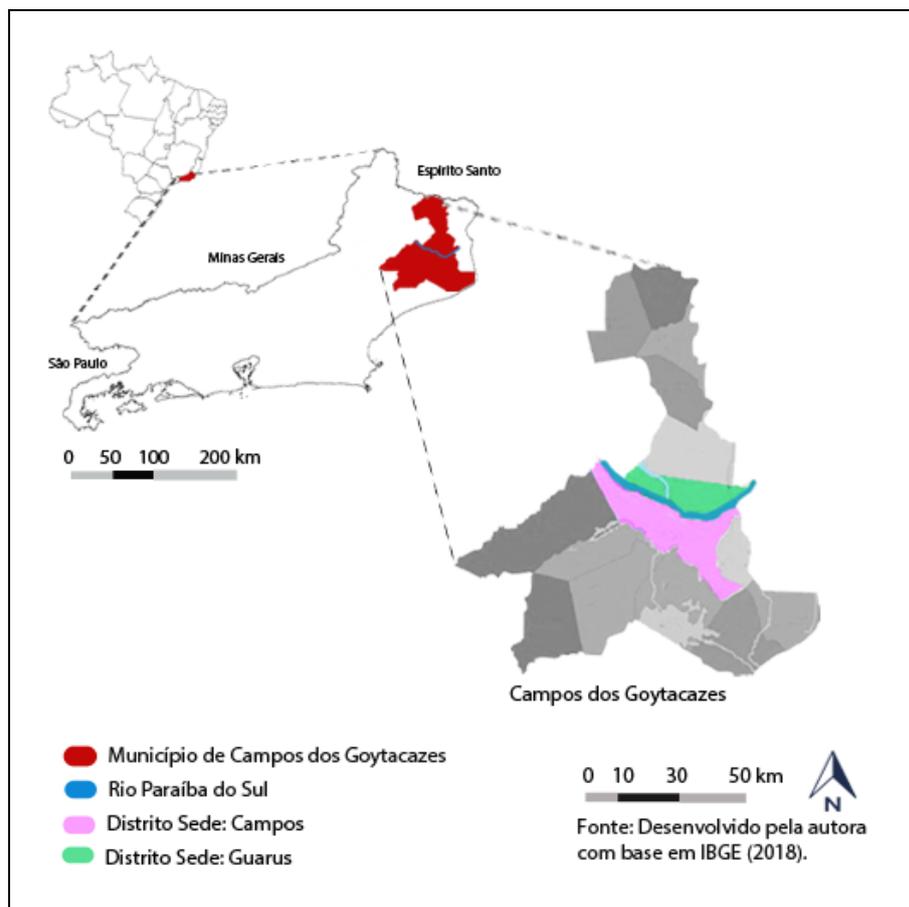
Outros planos urbanísticos para a cidade de Campos dos Goytacazes foram elaborados com o passar do tempo com o intuito de diminuir as contradições sociais. No entanto, com a implantação do Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos (PDUC) em 1979, leis que regulam o uso do solo urbano foram colocadas em prática, como a Lei dos Perímetros Urbanos; Lei de Zoneamento e Uso do Solo; Lei de Parcelamento do Solo e Código de Obras. Essas leis, que tem por objetivo diminuir as diferenciações, são utilizadas como forma de doutrinar o espaço urbano, definindo quais áreas serão mais valorizadas, quais não e com isso comandam os locais de moradias de cada classe de acordo com o valor que o indivíduo possa pagar.

### O Subdistrito de Guarus no atual cenário campista

A cidade de Campos dos Goytacazes se localiza na região Norte do Estado do Rio de Janeiro e é o maior município do interior, possuindo 4.027 km<sup>2</sup> de extensão territorial e 463.731 habitantes segundo o último senso demográfico feito em 2010 (IBGE, 2018).

O município possui 14 distritos, sendo o distrito sede dividido em duas partes devido à passagem do Rio Paraíba do Sul: Campos (1° e 2° subdistritos) e Guarus (3° subdistrito). Guarus foi incorporado ao 1° distrito da cidade no ano de 1967, quando deixa de ser distrito e torna-se subdistrito. Tal mudança gera controvérsias até hoje, pois a área possui grande contingente populacional, tendo sido registrado no último censo (2010) com 28,13% da população de toda a cidade (CIDAC, 2010).

**Mapa 3:** Localização geográfica do município de Campos dos Goytacazes e do distrito sede



Fonte: Produzido pela autora com base em IBGE (2018)

As duas áreas do 1º distrito possuem diferenças em questão de infraestrutura, serviços, acesso a oportunidades, facilidade de transporte e também de estigma por parte dos habitantes da margem direita. Os contrastes entre as margens são analisados por Aliprandi (2016, p. 284):

[Em Guarus] a população possui renda mais baixa, há maior concentração de habitação de interesse social, pouca presença de espaços livres públicos tratados para o lazer, poucas ciclovias e ciclofaixas e poucas linhas de ônibus circulando. Ao sul, onde há uma população de rendas mais altas, observam-se tipos construtivos mais diferenciados, com algumas características de alta renda, como condomínios fechados, espaços livres públicos tratados além de ciclovias e ciclofaixas.

Quanto mais afastado do centro estiver o bairro pertencente à Guarus – e das demais áreas afastadas do centro da cidade –, mais traços de segregação a área demonstra. Essa característica se torna possível também pela atuação do mercado imobiliário, que consegue influenciar nos valores das terras (ibidem).

Apesar de Campos possuir um dos maiores PIB's nacionais, a região é marcada por profundos contrastes de desigualdade na paisagem urbana. O rio Paraíba do Sul aparece como um elemento marcante na segregação existente entre suas margens (ibidem), onde os investimentos são mais visíveis no lado direito do mesmo.

### **Rio Paraíba do Sul e sua influência no processo de urbanização de Campos dos Goytacazes**

Os rios podem ser considerados como elementos fundamentais para as cidades que se desenvolvem a sua volta, pois podem influenciar na configuração e no desenho urbano, com as edificações sendo instaladas em seu percurso, e no desenvolvimento de cada região.

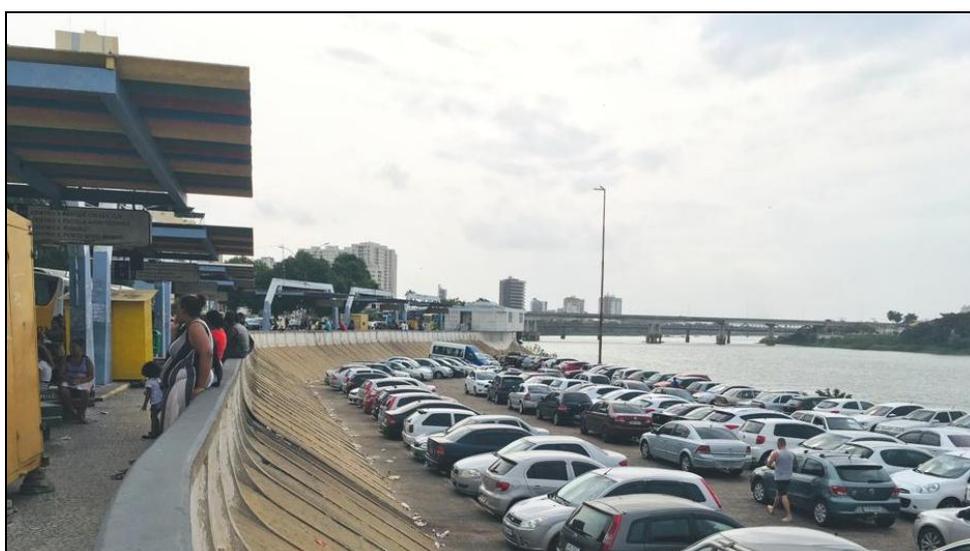
Os rios ocuparam desse modo, um lugar fundamental no processo de dominação, pois além de servirem à navegação, eram fontes de vida e riqueza. Fornecem água potável e fertilizam o solo para cultivo de alimentos e de produtos comercializáveis. Em suma, podemos afirmar que os principais centros urbanos brasileiros têm uma forte relação, inclusive vital, com o elemento hídrico.

Além disso, os cursos d'água foram elementos estruturadores dos espaços das vilas e cidades, definindo a localização de bairros, traçados das ruas e as atividades. Essa tendência inicial possibilitou uma organização espacial interna definida pela principal atividade econômica (FARIA e QUINTO JR., 2017).

Carneiro (2015) afirma que a navegação e o transporte hidroviário, na cidade de Campos dos Goytacazes, se deram por muitos anos pelo rio Paraíba do Sul, mas perderam gradualmente sua importância após a construção da linha férrea e da Rodovia Presidente Dutra que segue paralela a sua margem. A decadência do transporte fluvial veio após a inauguração da ferrovia que ligava Campos a São João da Barra, por onde passou a ser feito o escoamento da produção regional, o açúcar. Ainda assim, o rio continuou como via de transporte de produtos agrícolas como hortigranjeiros, frutas e farinha durante o século XX.

A orla do rio Paraíba do Sul foi um espaço de grande beleza na região, utilizada também como área de lazer pela população campista. No entanto, nos dias atuais a presença do rio não possui a mais importância que já lhe foi dada, tendo sido substituído pelo descaso tanto por parte dos governantes como pela população que geralmente está de costas para o mesmo – característica que é favorecida pela disposição dos elementos que estão próximo à orla e que são usados com frequência pelos moradores da cidade, como o terminal rodoviário Luiz Carlos Prestes, situado às margens do rio (Figura 1) – e o percebe como um entrave ao deslocamento na cidade e limitação entre os bairros situados na margem direita e esquerda do rio (CARNEIRO, 2015).

**Figura 1:** Orla do rio Paraíba do Sul com as pessoas voltadas para o lado oposto, dando as costas para o rio.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

Villaça (2001) analisa a estruturação urbana de cidades metropolitanas brasileiras atravessadas por barreiras físicas, como São Paulo e Belo Horizonte, que tiveram seu espaço urbano dividido em duas partes que tinham o grau de importância medido pela localização do centro. Apesar de tratar de cidades de porte maior, metropolitanas, as características descritas pelo autor possuem proximidade com as observadas na cidade de Campos dos Goytacazes, onde o Rio Paraíba do Sul

funciona como uma barreira que define – tendo como referência o centro da cidade – o "lado de lá" (oposto ao centro) e o "lado de cá" (o lado que está o centro). A barreira divide o espaço urbano em duas partes que têm custos e tempos de deslocamento ao centro diferenciados. Num estágio inicial da expansão urbana [...], dados dois pontos a igual distância do centro, porém um localizado além da barreira e outro aquém, o primeiro apresenta maior tempo e custo de deslocamento do que o segundo. Define-se, então, um lado do espaço urbano mais vantajoso que o outro, do ponto de vista desse fator fundamental que é a acessibilidade ao centro (VILLAÇA, 2001, p. 115 e 116).

A partir do processo de urbanização que se inicia com base nas diferenciações do local, uma das áreas possuirá desvantagens em relação ao lado oposto (o que possui o centro da cidade), que tende a ter maior desenvolvimento e a concentrar as camadas que possuem renda mais elevada, apesar de possuir também as de menor renda. O lado que possui a barreira física dificultando o acesso ao centro passa a ser considerado como lugar "fora de mão", reunindo majoritariamente a população com menor poder aquisitivo (Ibidem).

Mesmo o autor tendo avaliado outras regiões com portes diferentes de cidades, as semelhanças encontradas entre a área de estudo e os escritos são grandes, inclusive na forma que os habitantes denominam as áreas da cidade – entre lados "de cá" e "de lá" –, o que mostra que as barreiras físicas possibilitam o surgimento da segregação, independente do porte da cidade. Podem ser considerados como barreiras rios, córregos, linhas férreas, entre outros, ou seja, tudo que dificulte o deslocamento entre uma área e outra.

Na cidade de Campos dos Goytacazes tal separação também fica evidente nas falas cotidianas dos moradores de ambas as margens que consideram o subdistrito de Guarus – e distritos adjacentes – como não pertencente à cidade de Campos: os que moram no lado esquerdo referem-se ao centro com a expressão "ir

à cidade" ou "ir a Campos", enquanto os moradores do lado oposto mencionam de forma homogênea os bairros de Guarus como o "lado de lá". Estes são considerados como uma forma depreciativa e de categorizar partes como um todo, pois "pertencer ao 'lado de cá' ou ao 'lado de lá' é mais do que possuir um endereço postal, é ser categorizado como um possuidor em potencial de símbolos de estigma no caso dos moradores de Guarus, e símbolos de prestígio no caso dos não moradores de Guarus" (ASSIS, 2016b, p. 9).

### **Considerações finais**

Os resultados obtidos até o presente momento, a partir da pesquisa bibliográfica que embasam o estudo da cidade, indicam a presença da segregação no município de Campos dos Goytacazes, principalmente no que se refere ao distrito sede que possui o rio como barreira física ao deslocamento entre uma margem e outra.

Mesmo apresentando elementos que caracterizam a segregação urbana na margem direita do rio Paraíba do Sul, os estudos apontaram que na sua margem esquerda o subdistrito de Guarus é o que concentra as marcas mais fortes da segregação urbana.

O estudo aqui apresentado será aprofundado por meio de pesquisa documental e empírica, e pretende desconstruir a perspectiva de Guarulhos-Guarus como bloco homogêneo para assim identificar e analisar as especificidades e generalidades da segregação que a constitui.

## REFERÊNCIAS

- ALIPRANDI**, Danielly Cozer. **O sistema de espaços livres da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ**: Carências e potencialidades. 2017. 402 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes, 2017
- ASSIS**, Renan Lubanco. **Morador de Custodópolis e morador de Guarus**: a moradia como um símbolo de estigma na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ.. 2016. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes, 2016.
- CARNEIRO**, S. M. (2015). **À margem da cidade**: O Rio Paraíba do Sul na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes/RJ. Campos dos Goytacazes.
- CASTELLS**, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CIDAC**, Campos dos Goytacazes. **População Residente por Sexo e Grupo de Idade**. 2010. Disponível em: <[https://cidac.campos.rj.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/Tabela\\_11\\_Pop.pdf](https://cidac.campos.rj.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/Tabela_11_Pop.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2019.
- FARIA**, T. DE J. P.; **QUINTO JUNIOR**, L. DE P. **Rio e História Urbana**: o papel do rio Paraíba do Sul na criação e desenvolvimento do município de Campos dos Goytacazes [RJ]. Labor e Engenho, v. 11, n. 2, p. 103-115, 30 jun. 2017.
- FARIA**, Teresa de Jesus Peixoto. **Gênese da rede urbana das regiões norte e noroeste fluminense à luz do relatório do engenheiro Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde**. X Encontro Nacional da Anpur, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.1-16, maio 2003.
- HARVEY**, David. *A Justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec Editora, 1980.
- IBGE**, Perfil Campos dos Goytacazes, 2018.
- LAMEGO**, Alberto Ribeiro. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do I.B.G.E., 1945. 205 p.
- LEFEBVRE**, Henry. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LOBATO CORREA**, Roberto. **O espaço Urbano**. São Paulo. Editora Ática, 2002.
- LOBATO CORREA**, Roberto. **O espaço Urbano**. São Paulo. Editora Ática, 2002.
- LOBATO CORREA**, Roberto. **Segregação residencial**: classes sociais e espaço urbano, in *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARICATO**, Ermínia. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias**: Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 121-192
- PARK**, Robert Ezra. **“A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano”**, in Velho, Otávio Guilherme (org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967 (1916).
- SOFFIATI**, Aristides. **O núcleo urbano de Campos dos Goytacazes e as lagoas**. Blog do Roberto Moraes, Campos dos Goytacazes, 2019. Disponível em

<http://www.robertomoraes.com.br/2019/04/o-nucleo-urbano-de-campos-dos.html>.  
acesso em 08 de agosto de 2019

**VASCONCELOS**, Pedro de Almeida; **CORRÊA**, Roberto Lobato; **PINTAUDI**, Silvana Maria. **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2013.

**VIEIRA**, Alexandre Bergamin; **MELAZZO**, Everaldo Santos. **Introdução ao conceito de segregação socioespacial**. São Paulo, 2003. 13 p.

**VILLAÇA**, Flávio. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 373p

**VILLAÇA**, Flávio. **São Paulo: segregação urbana e desigualdade**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 71, n. 25, p.37-58, 2011. Disponível em: <[http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/textos/dossie\\_sao\\_paulo/segregacao\\_urbana\\_sp.pdf](http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/textos/dossie_sao_paulo/segregacao_urbana_sp.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2019.

**WEBER**, Max. “**Conceito e Categorias de Cidades**”, in Velho, Otávio Guilherme (org). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1967 (1921)

**WIRTH**, Louis. “**O Urbanismo como Modo de Vida**”, in Velho, Otávio Guilherme (org). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1967 (1938)